



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arte Contemporânea - MAC

Artigos e Materiais de Revistas Científicas - MAC

2014-01

Uma leitura particular

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/46388>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo



UMA LEITURA PARTICULAR

Alecsandra Matias de Oliveira

ALMANAQUE O CAVALEIRO AZUL (DER BLAUE REITER), DE WASSILY KANDINSKY E FRANZ MARC (EDS.), ORGANIZAÇÃO DE JORGE SCHWARTZ, POSFÁCIO DE ANNEGRET HOBERG, TRADUÇÃO DE FLÁVIA BRANCHER, SÃO PAULO, EDUSP/MUSEU LASAR SEGALL, 2013, 312 P.

“O mundo dá à luz um novo tempo; resta apenas uma pergunta: já chegou o tempo de nos separarmos do velho mundo? Estamos maduros para a vita nuova?”

(Franz Marc, “Prefácio ao Segundo Volume Planejado de *Der Blaue Reiter*”, fevereiro, 1914, p. 243).

Aos 100 anos do *Almanaque O Cavaleiro Azul* (*Der Blaue Reiter*), o público brasileiro é presenteado pela edição em português da obra referencial dos estudos sobre história da arte, em especial, sobre o expressionismo alemão. Organizada por Jorge Schwartz, em coedição entre o Museu Lasar Segall e a Edusp, a publicação tenta acompanhar a diagramação original da edição fac-similar, realizada com base em um dos dez exemplares de luxo numerados e destinados aos museus¹. Aqui cabe uma curiosidade: o Museu Lasar Segall tem a edição de 1914, trazida da Alemanha pelo artista quando da sua imigração para o país. A atual edição brasileira ainda recupera boa parte da iconografia original, mantendo o diálogo fundamental entre texto e imagem.

O exercício de pesquisa que envolve a publicação brasileira é minucioso. Ele traz textos, fotos e documentação que revelam os movimentos anteriores e posteriores à organização do *Almanaque* entre os anos de 1911 e 1912: “Apresentação”, de Jorge Schwartz; “*Der Blaue Reiter* (Memória)”, de Wassily Kandinsky, “Prefácio à Segunda Edição”, de Kandinsky e Franz Marc; “Prefácio ao Segundo Volume Planejado de *Der*

Blaue Reiter”, de Marc; e “*O Blaue Reiter Dispara à Frente...*”, de Annegret Hoberg, são textos-suporte que descrevem o percurso de dois amigos e alguns colaboradores envolvidos em divulgar o que para eles se distingue como os diferentes sons que juntos formam a sinfonia do século XX.

Da amizade, nascida em uma festa de *réveillon*, Wassily Kandinsky (1866-1944) e Franz Marc (1880-1916) criam um dos projetos mais ousados da aventura da arte moderna: a formação do *Blaue Reiter*. A ideia inicial consiste em realizar um “anúário” das artes, mostrando o que de mais relevante ocorre em todas as linguagens artísticas. Deveria ser publicado simultaneamente em Paris, Munique e Moscou e, sobretudo, deveria expressar o que seus editores sublinham em diversas correspondências: “Queremos criar um ‘almanaque’ que seja o veículo de todas as novas ideias autênticas de nossa época. Pintura, música, teatro, etc.” (p. 256). Seus editores queriam somente os artistas escrevendo, mas logo receberam comentários, tais como: “os artistas criam, não falam”, mas o próprio Kandinsky replica: “Mas isso pertence ao capítulo das recusas, oposições e ódios, que deixamos aqui de lado” (p. 23).

De fato, a preparação do *Almanaque O Cavaleiro Azul* (*Der Blaue Reiter*) exige grande esforço dos seus editores e colaboradores. Da primeira carta, escrita

¹ O *Almanaque* teve quatro edições (1 e 2, edição geral, em brochura ou capa dura; 3, edição de luxo, com duas xilogravuras assinadas pelos editores e 4, edição de museu, encadernada em couro marroquino azul, com as duas xilogravuras dos editores, acrescida por uma obra original de um dos editores em *passe-partout*).

ALECSANDRA MATIAS DE OLIVEIRA é especialista em Cooperação e Extensão Universitária da Universidade de São Paulo e autora de *Schenberg: Crítica e Criação* (Edusp).

por Kandinsky a Marc, em junho de 1911, na qual ele revela detalhes do projeto ao amigo, passando pela escolha dos autores, o contato com os colecionadores e museus para aquisição das imagens, o recebimento dos textos, as negociações com os financiadores, o intenso trabalho propriamente dito a partir de 1º de setembro de 1911, a preparação dos folhetos e da primeira exposição dos editores do *Blaue Reiter* até o lançamento da publicação em maio de 1912, dá-se um longo percurso cheio de reviravoltas e mudanças no projeto.

A edição brasileira do *Almanaque O Cavaleiro Azul (Der Blaue Reiter)* traz os textos definitivos da publicação de 1912. Dedicado à memória de Hugo Von Tschudi (1851-1911), colecionador e incentivador da ideia do almanaque e que morre antes de sua organização, o *Almanaque* é integrado pelos seguintes artigos: “Bens Espirituais”, Franz Marc; “Os ‘Selvagens’ da Alemanha”, Franz Marc; “Dois Quadros”, Franz Marc; “Os ‘Selvagens’ da Rússia”, David Burliuk; “Citação”, Delacroix; “As Máscaras”, August Macke; “A Relação com o Texto”, Arnold Schoenberg; “Poema”, Mikhail Kusmin; “Os Sinais de Renovação na Pintura”, Roger Allard; “Citação”, Goethe; “A Anarquia na Música”, Thomas von Hartmann; “Os Meios de Composição em Robert Delaunay”, Erwin von Busse; “Eugen Kahler: Um Obituário”, Wassily Kandinsky; “*Prometeu* de Skriabin”, Leonid Sabaneiev; “A Música Livre”, Nikolai Kulbin; “Sobre a Questão da Forma”, Kandinsky; “Citação de *Impressões Italianas*”, Wassily Rosanov; “Sobre a Composição Cênica”, Kandinsky; e “A Sonoridade Amarela: Uma Composição Cênica”, Kandinsky.

Não é tarefa aqui esmiuçar cada um desses textos (cada um deles traz ideias singulares que suscitam diversas ponderações). Porém, é da união dos textos que surge a força vital do *Almanaque*. Do conjunto selecionado, percebe-se a intenção dos seus editores: o questionamento do conceito de “arte” tradicional, envolvendo a integração de todas as linguagens artísticas (pintura, música, artes cênicas, etc.) em confronto com obras de arte de diferentes procedências e épocas, assim como a discussão entre “arte elevada” e “arte primitiva”. Nos textos, encontra-se a confirmação de que arte não é forma. Ela é, acima de tudo, conteúdo. Nesse sentido, destaca-se o texto de Kandinsky, “Sobre a Questão da Forma”, no qual o autor afirma que “a forma é a expressão exterior do conteúdo interior” (p. 141), ou seja, a questão da forma é secundária, a grande questão da arte é o conteúdo – algo revolucionário para a época.



Kandinsky, versão definitiva para a capa do *Almanaque Der Blaue Reiter*, 1911; em cima, Kandinsky, um dos esboços para a capa do *Almanaque*, 1911; na outra página, Kandinsky, *Estudo para Composição nº 4*, 1911



Igualmente revolucionária é a decisão de relacionar textos e imagens (e, principalmente, o modo de seleção dessas imagens – obras das vanguardas, mescladas à arte popular russa, japonesa, egípcia, chinesa, desenhos infantis, gravuras medievais e renascentistas e obras ícones de pintores de outros períodos, como Cézanne, Rousseau, El Greco, entre outros). Em geral, as legendas dessas imagens surgem somente com um enunciado básico, como, por exemplo, “Arte Popular Russa” ou “Wladimir Burliuk, Estudo para Retrato”, o que dá certa insegurança ao leitor sobre sua apreciação completa. Porém, na edição nacional, ao fim da publicação, encontra-se um detalhado índice e créditos das imagens. Regressando à relação texto-imagem, cada artigo apresenta suas especificidades, propiciando uma nova possibilidade de leitura. O próprio Kandinsky alerta para a possibilidade dessa leitura alternativa:

“Se o leitor deste livro for capaz de desfazer momentaneamente seus desejos, pensamentos, sentimentos e, depois, folhear o livro, for de uma pintura votiva a De-launay e, adiante, de um Cézanne a uma gravura popular russa, de uma máscara a Picasso, de uma pintura sobre vidro a Kubin, etc., então, sua alma vivenciará muitas vibrações e adentrará o campo da arte” (p. 183).

Seguindo a trilha aberta por Kandinsky – que coloca a possibilidade de novas leituras, o leitor notará que há, ao menos, dois modos distintos (mas não excludentes) de usufruir da edição nacional de *Der Blaue Reiter*. O primeiro é cercado pelo aparato contextual que os textos-suporte evocam. Eles contam sobre o berço do expressionismo (Dresden, Munique e Berlim), acrescentando que manifestações também ocorrem na Renânia, Stuttgart, Colônia, Düsseldorf, Hamburgo e Leipzig. Narram as marcantes atuações de Kandinsky, dos integrantes de Die Brücke (A Ponte), em 1905, e da Neue Künstlervereinigung München – NKVM (Nova Associação de Artistas de Munique), em 1909. Explicam sobre as metáforas evocadas pela criação da capa do *Almanaque* e seu nome *Der Blaue Reiter* (uma das passagens mais prosaicas – e isso não quer dizer menos interessante – é Kandinsky recordando a criação do nome):

“O nome *Der Blaue Reiter* nós criamos sentados à mesa posta para o café, sob o caramanchão do jardim em Sindelsdorf; ambos amávamos o azul, Marc gostava de cavalos, eu de cavaleiros. Então, o nome surgiu por si mesmo”.

Destaque entre os textos-suporte, a apresentação de Jorge Schwartz coloca uma reflexão sobre *O Ca-*

Livros

Figura do teatro de sombras egípcio, *Cavalo e Condutor*, séc XIV; ao lado, Drews H., desenho infantil, 1908-11; embaixo, Franz Marc, *Cavalos*, 1911-12; na outra página, pintura bávara, *Nascimento de Cristo*, último quartil do séc. XVIII





valeiro Azul e sua recepção entre os artistas latino-americanos modernos. Em razão de terem seus olhos voltados às vanguardas vindas da França, muitos dos nossos artistas não se dão conta do expressionismo alemão. Para Schwartz, as exceções são Xul Solar, Anita Malfatti e Mário de Andrade. Os textos-suporte mostram: os momentos anteriores; os detalhes e as ações de organização do *Almanaque*; os eventos que levam à segunda edição em 1914 e o projeto e as tentativas de se realizar o segundo volume, que são solapados pelo advento da Primeira Guerra Mundial. Todos esses textos deixam a edição brasileira completa – um documento indispensável para a pesquisa sobre o expressionismo alemão.

O segundo modo de leitura do *Almanaque O Cavaleiro Azul* (*Der Blaue Reiter*) é um desafio para o leitor contemporâneo: livre-se dos pré e, especialmente, dos pós-conceitos que envolvem a obra e leia os textos com incertezas, apreensões e valores desarmados. Impossível!? Mas tente vivenciar a experiência da arte daqueles homens. Dispa-se (ou, pelo menos, tente des-

pir-se) dos conhecimentos posteriores que a história da arte lhe ensina. Essa leitura é tão particular que para usufruí-la se torna necessário desprover-se de todos os movimentos históricos ocasionados e influenciados por *Der Blaue Reiter* e aceitar o risco do mergulho no livre pensar de seus editores e colaboradores.

Sob essa perspectiva, percebe-se que conceitos caros à arte moderna surgem nas preocupações daqueles homens que viviam o seu tempo presente. As questões que envolvem o *Almanaque O Cavaleiro Azul* podem ter passado para a história da arte, mas, sobretudo, pertenciam às preocupações contemporâneas daqueles que viviam o início do século XX (um mundo antes das duas guerras mundiais). Dentre essas, uma das mais evidentes é a expressão da arte e sua divulgação pelos próprios artistas (sem a mediação de críticos, historiadores ou teóricos de qualquer categoria). Nesse sentido, no *Almanaque* – mesmo o projeto e o desejo inicial (que exige somente a autoria de artistas) não sendo plenamente executados – os artistas ganham o espaço para tratar de suas proposições de modo direto.

Outra preocupação resume-se à ideia do “novo”, que não é simplesmente o jargão que se convencionou quando se trata dos movimentos modernos do início do século XX. Para Marc e Kandinsky, o “novo” traduz-se, realmente, em: colocar e divulgar as novas e autênticas abordagens da arte; buscar o desconhecido; valorizar, refletir e aprender com a arte não europeia (por essa razão, a presença das ilustrações etnográficas, da “arte popular”, além dos desenhos infantis); e distinguir e questionar os valores da “arte tradicional” que colocam em campos opostos “arte elevada” e “arte primitiva”.

E, por último, a união entre as linguagens artísticas (música, pintura, artes cênicas e outras), algo que parece tão peculiar às propostas de Kandinsky, particularmente quando se pensa no “espiritual na arte” e na questão do domínio do conteúdo sobre a forma. Impressiona observar que Franz Marc, Arnold Schoenberg, Leonid Sabaneiev, entre outros autores, sustentam essa premissa e tratam das relações existentes entre as notas musicais e a vibração das cores, por exemplo, ou da junção da música e da pintura nas apresentações cênicas ou, ainda, da relação do texto com a imagem.

Por fim, independente do modo que se escolha para entrar em contato com o *Almanaque O Cavaleiro Azul* (*Der Blaue Reiter*), pode-se assegurar que a edição brasileira é uma das leituras mais densas do campo da história da arte dos últimos tempos.